

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Vinícius Fin

**A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DA PESSOA SURDA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Porto Alegre
2014

Vinícius Fin

**A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DA PESSOA SURDA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para a obtenção do Título de
Licenciado em Educação Física pela Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre
2014

Vinícius Fin

**A PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO ACERCA DA PESSOA SURDA NA
EDUCAÇÃO FÍSICA**

Conceito Final:

Aprovado em: de de

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Martha Ratenieks Roessler – UFRGS

Orientadora – Prof. Dra. Janice Zarpellon Mazo – UFRGS

Dedico este trabalho às minhas avós, Nair e Olinda, que faleceram durante minha Graduação na ESEF.

Estejam onde estiverem, saibam que a saudade é grande.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer aos meus pais, Vilson Fin e Isabel Endrizzi. Eles fizeram parte do meu crescimento, desenvolvimento, dos momentos bons, dos ruins, dos maravilhosos e, sem o apoio deles, hoje certamente eu não estaria aqui. Um agradecimento especial também a minha irmã, Vivian Laís, que apesar das nossas infinitas brigas no início dos tempos, hoje é uma adolescente da qual eu sinto muito orgulho e, tenho certeza, vai ser muito bem sucedida, tanto profissional, quanto pessoalmente. Além disso, agradeço a toda minha família, meus dindos, meus tios, meus primos, meus parentes distantes, àqueles sempre bem-humorados que, em festas de família, perguntavam: “E as namoradinhas?”.

Falando nisso, um agradecimento especial a ela, minha namorada, Vitoria Bones, enfim eu tenho uma namorada, depois de tanto perguntarem (risos). Ela foi um pilar de sustentação fundamental durante a construção deste trabalho, esteve sempre junto a mim, preocupada, tensa e cobrando, cobrando que eu fizesse, que eu me esforçasse, que eu conseguisse. Ela vai ficar muito envergonhada quando ler esse parágrafo, mas ela sabe que, não importa o que aconteça, sempre vou lembrar o quão bom é estar ao lado dela. Te amo, amor.

Queria agradecer a minha professora e orientadora, Janice. Tive a oportunidade de cursar uma de suas disciplinas, além de frequentar semanalmente a sala do PET, onde pude conhecê-la melhor como pessoa e ganhei uma amiga. Obrigado por ter confiado no meu trabalho e estado sempre à disposição, mesmo com a decisão de realizar o TCC em um semestre, devido aos vários compromissos que surgiram ao longo do meu TCC I. Do mesmo modo, agradeço ao mestrando Eduardo Carmona, orientado também pela Janice, que me auxiliou desde a construção das ideias até a formatação final deste trabalho, sendo uma pessoa fundamental para que o estudo passasse do pensamento abstrato para o papel. Obrigado, por tudo.

Agora, gostaria de agradecer aos meus amigos, todos eles. Desde a época da Pinguinho de Gente, depois no José Farina, após no Luigi Piccoli, até chegar ao IFRS e, finalmente, a UFRGS. Nesse meio tempo, também fiz novas amizades na Escolinha de Futsal Santa Catarina e no Bento Vôlei, locais em que pude vivenciar o esporte, conhecer mais sobre a Educação Física e me impulsionar até onde estou hoje. Pessoal, queria mandar um abraço/beijo especial para vocês, os de fé: Renan

Resemini, Eduardo Pasini, Giancarlo Trevisan, Karine Gobbi, Chaiane Lumi, Natália Bolesina, Renan Loss, Rodrigo Lorenzi, Juliana Milan, Júlia Foletto, Nátali Fagundes, Gabriel Machado, Lucas Lima e o Gordo. A todos meus amigos, meu muito obrigado e, aos inimigos (adversários é politicamente correto) também, cada um com sua importância, fizeram parte da minha constituição como pessoa.

Queria falar dos meus professores durante todo esse tempo, destacando aqui nomes fundamentais e seus bordões como, por exemplo, o saudoso “Pomba” do professor Nei quando estava furioso, já que não parávamos de conversar; ou do “Tem que ter tesão pela bola”, quando ela caía na nossa frente e o professor Reni ficava atordoado, dizendo que aquilo que jogávamos ainda não se chamava voleibol (risos). Hoje eu entendo o recado deles, às vezes é melhor ouvir o que os outros têm a dizer e, mesmo que sejam críticas, você não pode deixar a bola cair, tem que seguir em frente, manter bola sempre em jogo, às vezes mãos alto para comemorar, às vezes em direção ao chão para juntarmos os pedaços e construirmos um amanhã mais próspero, ou seja, iniciarmos a disputa de um novo ponto. O objetivo nunca é ganhar o jogo a todo custo, mas aprender com o processo, pois é ele que o fará aprender, aprender a errar menos, não a ser perfeito.

Agradeço, do fundo do meu coração, à professora Cláudia Lima, com a qual tive o privilégio de trabalhar como monitor da disciplina de Cinesiologia. Foi uma experiência da qual eu não esquecerei, porque além de ser uma grande professora, também nutre um sentimento especial pelo curso de Educação Física e, por acaso do destino, infelizmente foi necessário que ela se retirasse das aulas da Graduação da EFI. Registro meu carinho especial pela pessoa, pela profissional e pela figura que representa na nossa faculdade, espero ainda poder trabalhar novamente com ela, quem sabe em outra ocasião. Também quero registrar meu obrigado ao professor Cícero, com o qual estou tendo a oportunidade de trabalhar também como monitor, já há mais tempo, com a disciplina de Voleibol. É um professor que possui uma extensa história dentro da ESEF, ministrou aulas de basquete, de voleibol e, provavelmente, de alguma outra matéria durante esse caminho (risos). É ótimo poder mostrar o que se sabe e, ao mesmo tempo, aprender com alguém desse nível e com alto gabarito dentro da área da Educação Física.

Por fim, mas não menos importante, queria agradecer a todos os meus alunos dos Estágios, cada um com seu jeito, com suas manhas, com seus problemas e questionamentos. A evolução de alguém deve passar por “provações”, mas eu

duvido muito que tenha conseguido a aprovação em todas elas, porém posso afirmar que sempre me doei ao máximo, procurando não só repassar o conteúdo, mas também entender como essa relação se constitui dentro da escola. Procurei aprender com vocês, sempre dialogando, ouvindo, mas obrigado por não terem falado quando permiti e não ouvirem enquanto eu falava, pois assim precisei procurar formas para que essa troca de informações fosse facilitada, às vezes consegui, outras não. O importante é aprender e, continuar aprendendo, enquanto houver dúvida, haverá sempre a sede da busca pelo conhecimento e é isso que nos motiva a crescer cada vez mais.

Obrigado a você, que está lendo este trabalho. E, obrigado a todos que, de alguma forma, participaram do processo de construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

Os profissionais de Educação Física, nos dias de hoje, atuam em diversos espaços educacionais além da escola e do clube, atingindo diferentes grupos sociais. No que diz respeito ao aluno surdo, em especial, percebe-se uma grande dificuldade quanto à comunicação, visto que na maioria do tempo não é possível o contato visual entre o aluno e o professor. Além disso, percebe-se que a grande maioria dos professores não é fluente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). O objetivo da pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção do conhecimento acerca da pessoa surda, no campo da Educação Física. Identificou-se que as temáticas recorrentes nas publicações foram atividades rítmicas e comunicação entre o aluno surdo e o professor/colega. Outros assuntos foram contemplados nos trabalhos acadêmicos analisados, contudo evidenciou-se uma carência de publicações, em português, na área da Educação Física sobre o indivíduo surdo.

Palavras-chave: surdo; produção do conhecimento; Educação Física.

ABSTRACT

Nowadays the Physical Education professionals work in many distinct educational environments besides the school and the club, reaching different social groups. To deaf students, particularly, we find great difficulty when it comes to communication, because most of the time the eye contact between student and teacher is not possible. Moreover, we could notice that the vast majority of teachers isn't fluent in our national sign language (Língua Brasileira de Sinais, also known as LIBRAS). The objective of the research is to review the literature about the production of knowledge around the deaf person, specifically on Physical Education. At the end of the work, we found that the most common subjects in the academic production were on rhythmic activities and communication between the deaf student and teacher/colleague. Other issues were found among the academic papers analyzed, however the whole research evidenced a lack of publications, in Portuguese, in the Physical Education area about the deaf person.

Keywords: deaf; production of knowledge; Physical Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBDS – Confederação Brasileira de Desportos para Surdos

COB – Comitê Olímpico Brasileiro

CPB – Comitê Paraolímpico Brasileiro

DA – Deficiente Auditivo

dB – Decibéis

EJA – Educação de Jovens e Adultos

ESEF – Escola Superior de Educação Física

GC – Grupo Controle

GE – Grupo Experimental

ICSD – Comitê Internacional de Desportos de Surdos

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UFPeI – Universidade Federal de Pelotas

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UFSM – Universidade Federal de Santa Maria

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
3 ENTENDENDO A CULTURA SURDA.....	18
4 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	24
4.1 ARTIGOS	24
4.2 TESES E DISSERTAÇÕES	30
5 TEMÁTICAS RECORRENTES NOS ESTUDOS ENCONTRADOS	36
5.1 RITMO E DANÇA.....	36
5.2 COMUNICAÇÃO ENTRE A PESSOA SURDA E O PROFESSOR/COLEGA	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	47

1 INTRODUÇÃO

A Educação Física aborda amplos espaços educacionais nos dias de hoje, sendo presença constante não só na escola, como também fora dela, em clubes, parques, dentre outros. Tratando-se especificamente da mesma como disciplina escolar, podemos perceber que seu intuito, além de agregar conhecimentos, também é potencializar a saúde do indivíduo em vários aspectos, como o bem estar social, por exemplo. Concomitante a isso, a Educação Física escolar tem papel fundamental no processo de desenvolvimento dos alunos, não distinguindo credo, raça, posição social ou deficiência.

Antigamente, a sociedade tinha uma preocupação especial com a “pessoa portadora de necessidades especiais”, na qual esse indivíduo era visto muito mais pela visão biológica (a própria nomenclatura utilizada na época já explicita isso), da sua deficiência, do que como uma pessoa que, além da deficiência, possui vários outros aspectos que o constituem como ser humano. Com o passar do tempo, o foco foi sendo modificado para a vida desse sujeito, passando a ser tratado não só como um indivíduo que possui certa deficiência em seu corpo, mas que também precisa se inserir na sociedade, trabalhar, se comunicar com outras pessoas, estudar, enfim, viver ativamente.

A partir do momento em que a pessoa com deficiência passou a não ser unicamente vinculada à sua deficiência, novos focos surgiram para tentarmos compreender esse indivíduo. A Educação Física, como disciplina escolar, aborda um espaço diferente das demais, nas quais relações de amizade, de companheirismo, inclusão ou exclusão, passam a ficar mais evidentes. Com o surdo, em especial, percebe-se uma grande dificuldade quanto à comunicação nesse espaço, visto que na maioria do tempo não é possível o contato visual entre ele e o professor, além da grande maioria dos professores não ser fluente na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

Diante dessas considerações, o objetivo da pesquisa é realizar uma revisão bibliográfica sobre a produção do conhecimento acerca da pessoa surda, no campo da Educação Física, identificando as principais temáticas contempladas nas publicações analisadas.

A realização desse estudo se justifica pela importância do mapeamento dos estudos sobre a relação do surdo e a Educação Física, bem como diagnosticar a

produção de conhecimento a respeito do assunto. Além disso, é importante salientar a escassez de produções científicas, em português, que tratem da relação entre Educação Física, deficiência auditiva e os fatores que influenciam nessa relação. Talvez, por esta questão ter emergido aos poucos e conquistado espaço com o decorrer do tempo, tem se firmado com a expansão dos veículos de comunicação de massa. A escassez de conhecimento a respeito de determinado assunto é algo motivador, visto que a partir do momento do interesse, surgem novas perguntas, novas respostas e novas reflexões, fazendo com que o indivíduo busque um aprofundamento maior.

Outra justificativa, é que, desde o início da graduação, eu tinha a perspectiva de realizar um trabalho diferente e, que também fosse algo com o qual me identificasse e remetesse a um assunto estudado superficialmente nas disciplinas do curso de Educação Física da UFRGS. Quando frequentava a escola, possuía grande interesse em saber como eram realizados jogos e competições para deficientes, principalmente depois de ter assistido a um jogo de Vôlei Sentado, algo que até então, eu nem fazia ideia de que existisse e, então, a curiosidade foi aumentando. Depois daquela partida, procurei conhecer mais a respeito do voleibol, a partir daí, comecei a praticar a modalidade *indoor* e o interesse pelo esporte adaptado ficou na memória, principalmente devido ao pouco acesso na época, já que os veículos de comunicação não davam ênfase a essa modalidade esportiva. Voltei a ter esse interesse durante minha graduação na ESEF, porém cursei a única disciplina que tratou da relação entre Educação Física e deficientes, a disciplina de “Fundamentos da Educação Física Especial”, a qual não possuía tanto aprofundamento nessa relação, o que acabou me deixando frustrado. Então, resolvi realizar meu Trabalho de Conclusão de Curso com o intuito de encontrar a produção teórica que tratasse desse assunto, principalmente a que abrangesse questões interessantes para entender como isso acontece.

Devido ao fato de competições específicas para surdos estarem adquirindo maior reconhecimento nos dias atuais, pensei que seria uma oportunidade ímpar realizar essa pesquisa, principalmente devido ao fato do vôlei de areia ser uma das modalidades mais praticadas e difundidas por esse público, um esporte com o qual me identifico e pratico desde muito jovem. Concomitante a isso, as relações deste grupo durante as aulas de Educação Física são de suma importância, pois minha

formação não foi tão enfática com relação às aulas que possuísem algum deficiente, um conhecimento que ficou demasiado raso durante a graduação.

Este trabalho foi estruturado através de um capítulo de revisão de literatura, o qual foi realizado com o intuito de explicitar informações consideradas importantes para o entendimento de algumas particularidades do indivíduo surdo, além de tratar a respeito dos métodos utilizados para a comunicação com esse indivíduo, em especial durante aulas em escolas. Após, foi apresentada a metodologia, constituída pela coleta de informações em periódicos, revistas e anais de congresso, que tratam a respeito da relação entre o surdo e a Educação Física. Logo em seguida, a coleta e análise de dados foram desenvolvidas em dois subcapítulos de discussão que abordaram as principais temáticas encontradas no decorrer dos artigos e dissertações. Estes analisaram a comunicação entre a pessoa surda e o professor/colega, além da utilização de atividades rítmicas como uma possibilidade metodológica de trabalho corporal expressivo, estabelecendo conexões e discrepâncias. Depois disso, foram apresentadas as considerações finais a respeito da pesquisa realizada.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo apresenta os procedimentos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa. Este é um estudo de revisão bibliográfica acerca do conhecimento no campo da Educação Física brasileira sobre o surdo, relacionando aspectos considerados fundamentais no processo de ensino-aprendizagem, discutindo sobre suas causas e consequências. Esta revisão está associada ao método de pesquisa bibliográfica, o qual consiste na pesquisa da bibliografia tornada pública, a respeito do assunto em questão, permitindo a exploração de novas áreas de estudo que possam emergir a partir da pesquisa (MARCONI; LAKATOS, 2010). Para isso, foram coletadas informações em bases de dados, mais especificamente, em periódicos da Educação Física e em anais de congressos da área, além de teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação Física ou Ciências do Movimento Humano de grande parte das universidades brasileiras.

Para a realização da busca por artigos em periódicos e em anais de congressos, foram utilizados os seguintes termos: surdo; surdez e; deficiência auditiva. A procura foi feita nos portais: Scielo; Pubmed e; Periódicos da CAPES. O critério utilizado para a seleção dos artigos foi conter os termos apresentados nas palavras chaves ou no título, além da leitura do resumo dos mesmos, de modo a confirmar que o artigo tratava de assuntos do interesse desta. Foram encontrados oito trabalhos que correspondiam aos critérios adotados e, através de sua leitura, foram destacados aspectos principais e fundamentais das investigações. Destes, três deles são produções apresentadas em anais de congressos, enquanto cinco deles são trabalhos publicados em revistas da área.

Para a realização da pesquisa por teses e dissertações, também foram utilizados os termos estabelecidos anteriormente: surdo; surdez e; deficiência auditiva. A procura foi feita diretamente nos repositórios digitais das seguintes Universidades: UFRGS; Unicamp; UFPel; UFPR; USP; UFSM; UDESC; os quais o acesso foi permitido, enquanto que, na UFSC e na UEM/UEL não foi possível a pesquisa em suas bases de dados. Estas Universidades foram escolhidas por possuírem programas de pós-graduação *strito sensu* na área específica a ser analisada. Ao todo, foram encontradas cinco teses/dissertações para uma possível análise, o quadro abaixo representa onde foram encontrados esses trabalhos:

REPOSITÓRIO DIGITAL	ACESSO	NÚMERO DE TRABALHOS ENCONTRADOS
UDESC	x	0
UEM/UEL	Não permitido	-
UFPeI	x	0
UFPR	x	0
UFRGS	x	1
UFSC	Não permitido	-
UFSM	x	0
Unicamp	x	4
USP	x	0

Fonte: FIN, 2014

Entretanto, a tese de doutorado encontrada no repositório digital da UFRGS, o LUME, não foi utilizada para a pesquisa, pois, após uma análise do resumo e do objetivo do estudo, percebeu-se que ele não tratava somente sobre o indivíduo surdo e sim, sobre o surdo relacionado à outra população, as pessoas com Síndrome de Down, destoando do enfoque primário do estudo. Vale a pena ressaltar que, a grande quantidade de estudos encontrados no Programa da Unicamp se deve ao fato da existência de três áreas de concentração de pesquisas, sendo que uma delas é a chamada “Atividade Física para Pessoas com Deficiências”, a qual trata a respeito de aspectos relacionados à atividade física, esporte, imagem corporal e qualidade de vida de pessoas com deficiência não só física, mas também intelectual e sensorial (visual e auditiva).

As informações coletadas foram submetidas à análise textual e, os resultados obtidos foram distribuídos em subcapítulos, a fim de que fossem estabelecidas conexões e aprofundamentos entre as informações encontradas durante esta pesquisa. Os focos da análise da pesquisa bibliográfica trataram a respeito das atividades rítmicas e da comunicação entre surdo, professor e aluno, questões recorrentes na maioria dos trabalhos investigativos analisados, além de serem temáticas de estudo importantes tanto para o desenvolvimento da aula com esse público, bem como seu desenvolvimento a partir dessas experiências. Após, foram

apresentadas as considerações finais, de acordo com o trabalho realizado, estabelecendo possíveis outros focos de discussão e limitações do estudo.

3 ENTENDENDO A CULTURA SURDA

Segundo Nicolosi et al. (1996), surdez é a perda da habilidade de ouvir, sem designação do grau ou da causa; surdo é alguém para quem o sentido da audição não é funcional, com ou sem amplificação, para os propósitos comuns da vida. A surdez caracteriza-se por uma diminuição na acuidade auditiva que faz com que a audição pura e simples que seja suficiente para a compreensão, com ou sem o uso de ajuda auditiva (aparelho de surdez e/ou implante coclear, por exemplo). Pode-se definir o termo anacusia como perda total da audição, enquanto hipoacusia significa uma redução na capacidade da percepção auditiva (DAVIS & SILVERMAN, 1971, apud ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1987).

Já a deficiência auditiva caracteriza-se pela diminuição da percepção dos sons, evidenciando um mau funcionamento do mecanismo auditivo. Portanto, a deficiência pode existir sem que haja surdez. Além disso, a perda auditiva é tão severa que impossibilita o processamento da linguagem através da audição, utilizando outras formas de comunicação; enquanto que, os deficientes auditivos utilizam o aparelho de surdez e/ou a ajuda terapêutica na comunicação. A perda auditiva é medida em decibéis, uma medida relativa do som através de um teste chamado audiometria tonal¹ (DE SÁ; PEREIRA, 1996, p. 3).

Corriqueiramente, a pessoa com surdez é considerada como um ser inferior e até anormal em alguns casos, dependente de outras pessoas (BARBOSA, 2012). A ciência moderna instituiu o paradigma biomédico como discurso hegemônico para a surdez e o surdo no domínio da saúde. Com isso, a surdez passou a ser vista pelo ponto de vista orgânico-biológico, sendo classificado em diferentes graus de incapacidade de audição² (NÓBREGA et al., 2012). Neste contexto, pessoas com

1 A audiometria é um exame que avalia a audição das pessoas. Quando é detectada alguma anormalidade auditiva, ele permite medir o grau e o tipo de alteração, orientando o paciente a tomar medidas preventivas ou curativas, se for o caso. Este exame normalmente é realizado por um fonoaudiólogo ou otorrinolaringologista, pois são profissionais habilitados a orientar corretamente esse procedimento. O laudo da audiometria tonal deve levar em consideração três aspectos: tipo da perda auditiva, grau da perda auditiva e configuração audiométrica (CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA, 2009, p. 8).

2 Segundo a visão biomédica (DE SÁ; PEREIRA, 1996), os graus de perda auditiva são: a) Deficiência Auditiva Leve: perda de 20-40dB. Fala normal é percebida, mas alguns elementos fonéticos escapam à pessoa; b) DAMédia: 40-70dB. Fala só é percebida em voz forte, utiliza-se a leitura labial; c) DASEvera: 70-90dB. Fala não é percebida e o aparelho é indispensável; d) DAProfunda: mais de 90dB. Voz não é percebida, utiliza-se a leitura labial e o aparelho é indispensável.

surdez passaram a ser denominadas deficientes auditivas e a serem tratadas em sua integralidade humana, como deficientes.

A história social da surdez mostra o quanto os surdos vêm sendo alvo de controle dos médicos, principalmente por desafiarem os limites normativos do normal e do patológico. Esta concepção, ancorada na perspectiva do déficit, afirma que a surdez é uma deficiência auditiva, conferindo à tecnologia um método para adaptá-lo e normatizá-lo à sociedade ouvinte. Em contrapartida, o surdo percebe a surdez como identidade, lutando por reconhecimento, e não por adaptação (NÓBREGA et al., 2012). Essa identidade, aliada à própria cultura e à língua de sinais, constitui uma unidade definidora da surdez, na qual o “ser surdo”³ passa a ser uma questão, mais de identidade, que biológica.

Considera-se identidade como o modo que nos identificamos e nos reconhecemos pertencentes a algum grupo social, ela também se transforma, não é fixa, imóvel, estática ou permanente, podendo ser até mesmo contraditória (GESUELI, 2006, p. 283). Pesavento (2004) nos remete à identidade como sendo “uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento” (p. 89). Entretanto, assumir a identidade surda ainda é um processo complexo para muitos surdos, já que isso significaria assumir a própria condição de surdez e fazer parte de um grupo minoritário, muito discriminado atualmente. Portanto, a surdez não é homogênea, ou seja, o grupo de surdos não é uniforme, há mulheres surdas, surdos negros, entre outros, os quais constituem múltiplas identidades surdas. De acordo com Klein; Lunardi (2006), não podemos centrar as culturas surdas pelo uso da língua de sinais como única expressão autêntica dessa cultura, de modo a não cristalizar a surdez a partir de um “único” recorte cultural, para que ela não se torne mais uma forma “exótica” e “folclórica” de entendimento da surdez.

Assim, percebemos que a discussão sobre Identidade Surda não está desvinculada da Cultura Surda, pois na medida em que os surdos legitimam sua língua e sua comunidade, temos o crescimento dessa cultura (humor, arte, poesia,

3 Segundo Nóbrega (2012), Ser Surdo significaria acessar o mundo essencialmente pela experiência visual. A vivência visual da natureza, em geral, constitui seu modo de ser e constituinte fundamental da identidade do surdo. De acordo com Bisol; Sperb (2010), Ser Surdo (com “S” maiúsculo) é reconhecer-se por meio de uma identidade compartilhada por pessoas que utilizam língua de sinais e não vêm a si mesmas como sendo marcadas por uma perda, mas como “membros de uma minoria linguística e cultural com normas, atitudes e valores distintos e uma constituição física distinta” (LANE, 2008. p. 284, apud NÓBREGA, 2012).

etc). Esta pode ser entendida como a coordenação entre um conjunto de normas e práticas dentro de uma sociedade (DE PAULA, 2009). Os representantes da Cultura Surda defendem que estariam sendo julgados anormais pelo simples fato de não usarem a mesma língua que os ouvintes, ou seja, por não serem bilíngues (linguagem oral e LIBRAS), ou por não compartilharem dos valores culturais hegemônicos atuais⁴ (Diniz, 2003). Skliar (2000, apud DE PAULA, 2009, p. 410), por exemplo, trata especialmente da cultura dos surdos, entendida como a cultura de uma minoria linguística, bem representada em sua língua de sinais.

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) é a língua de sinais utilizada pela maioria dos surdos e reconhecida por lei. Não é uma simples forma de gestualização da Língua Portuguesa, mas uma língua a parte, visto que somente o conhecimento gestual não é suficiente para que a comunicação aconteça em sua plenitude. É denominada língua de modalidade gestual-visual (ou espaço visual), pois a informação linguística é recebida pelos olhos, e produzidas pelas mãos e rosto. De acordo com Gesueli (2006), a língua de sinais remete à identidade do sujeito que (con)vive, quase sempre, com as duas comunidades (surda e ouvinte). Dado o papel da linguagem como atividade constitutiva, é interessante perceber a relação língua(gem)/identidade, entendendo que o sujeito se constitui à medida que interage com os outros. Esta autora ainda afirma que, garantir o uso da língua de sinais no contexto escolar é primordial para que haja reconhecimento da surdez, pois é através da linguagem que significamos o mundo e, com isso, nos significamos. Por intermédio dessa significação, o indivíduo consegue se reconhecer, perceber tudo que gira no seu entorno e, com a apropriação desse sentimento de identidade surda, pode-se pensar na formação de uma comunidade particular.

Entende-se por Comunidade Surda as pessoas que possuem o sentimento de pertencimento à Cultura Surda, definida basicamente pela linguagem dos sinais, ao passo que surdos são todos os que não se identificam com o movimento social, ou porque foram pessoas socializadas em ambiente ouvinte ou porque têm variados graus de deficiência auditiva (DINIZ, 2003, p. 176). Ao conhecerem outros surdos com as mesmas dificuldades – de escolarização e de comunicação –, com experiências comuns – o uso da prótese auditiva, conflito familiar e o preconceito – e

4 Gramsci (apud ALVES, 2010, p.71) apresenta uma noção de hegemonia elaborada para pensar as relações sociais. Nos últimos anos, a noção gramsciana foi extrapolada para pensar a configuração social do capitalismo tardio e observar como se desenvolvem as disputas hegemônicas no espaço social atual.

com os mesmos objetivos de vida, constitui-se uma condição identitária e cultural para a formação destas comunidades. Além disso, segundo Nóbrega et al. (2012), percebemos que a comunidade surda questiona a imposição tecnológica (para atenuar a deficiência auditiva), mesmo na infância, visto que a criança ainda não imergiu na cultura surda e não tem autonomia para escolher o que quer, a que grupo deseja pertencer. Eles defendem que a criança deveria crescer em um ambiente normal, conhecendo variados espaços de convivência, reconhecer cada um deles e os significando para que assim, depois de ter experimentado essas possibilidades, faça sua escolha. Ou seja, as Comunidades Surdas provocam a compreensão do modelo ético baseado na autonomia, visto que é realizada uma audiologia com as cirurgias de implante coclear, em que pais Surdos não autorizam que seus filhos submetam-se à cirurgia sob a alegação de que essa é uma forma de extermínio da Cultura Surda pela suposta cura da surdez (DINIZ, 2003).

Em relação ao ambiente escolar, os problemas enfrentados pelas culturas de minorias, nesse caso os surdos, ficam mais claros, tendo em vista a convivência no ambiente cultural – escola – constituída pela homogeneização de atitudes e comportamentos subsidiários da cultura dominante (ouvinte). No entanto, de acordo com De Paula (2009), a cultura escolar tem confrontado, cada vez mais, com a questão das diferenças culturais e isso tem trazido uma nova problematização: como lidar com essa questão. Klein; Lunardi (2006) nos diz que, a cultura escolar se efetiva quando os sujeitos se apropriam desse ambiente cultural e o reelaboram no seu cotidiano, criando significações e afirmando sua identidade. Contudo, pensar a escola a partir de uma perspectiva de uma mescla de culturas não se refere a um tranquilo processo de integração de diferenças, mas de um espaço com constantes ressignificações e discursos.

A Educação Física, enquanto disciplina escolar possui papel fundamental neste processo, visto que propicia diversas condições para estimular a inclusão do aluno surdo, principalmente com ações que promovam a motivação necessária para que ele se engaje nessas atividades. Assim como pode ser benéfica, também pode propiciar situações em que o surdo se exclua, ou seja, excluído das atividades, fazendo desse espaço um lugar de segregação e discriminação. Então, como há a mescla de várias culturas entre os próprios surdos, a cultura corporal de movimento, presente na Educação Física, por exemplo, não é algo estático, mas que se movimenta e torna o espaço propício para que os alunos possam expor suas

opiniões, ideias e formas de se expressar, não só através da comunicação oral ou gestual, mas também corporalmente. Percebe-se, então, que a Educação Física e, conseqüentemente o esporte, compõem parte da cultura, tanto dos ouvintes quanto dos surdos, portanto se faz necessária uma pesquisa a respeito dessa faceta da cultura, especialmente a dos surdos ligados ao esporte, nesse caso.

Atualmente, quem rege o esporte para surdos no mundo é o Comitê Internacional de Desportos de Surdos (ICSD), enquanto no Brasil, é a chamada Confederação Brasileira de Desportos para Surdos (CBDS). É importante salientar que ela não possui ligações com os Comitês Olímpico e Paraolímpico brasileiro (COB e CPB, respectivamente). Segundo o CPB, há a reunião de competidores que possuam deficiências de natureza física, intelectual ou motora, e então os surdo-atletas não entrariam nessas categorias, pois alegam que eles podem participar de competições convencionais, com pequenas adaptações.

A independência entre as entidades foi aceita pelo Comitê Olímpico Internacional e pelo Comitê Paralímpico Internacional e ICSD, no início de 1996, devido à natureza específica dessa deficiência. Portanto, os surdos não participam de competições paraolímpicas, mas possuem uma competição internacional própria, as Surdolimpíadas. Estas vêm sendo disputadas desde 1924, quando ocorreu pela primeira vez em Paris, na França, quando era chamado de *Deaflympics* ou Jogos do Silêncio (PARSONS; WINCLER, 2012), e vem aumentando sua proporção com o passar dos anos.

A primeira vez que o Brasil, através da CBDS, enviou representantes para a Surdolimpíada, foi no ano de 1993, em evento realizado na Bulgária. Naquela edição, foram enviados dois nadadores para competir em 11 provas, os quais conquistaram três quarto lugares. A partir de então, a natação brasileira é a modalidade mais presente nas Surdolimpíadas, ficando de fora apenas na Austrália, em 2005. A única medalha conquistada na Surdolimpíada foi obtida em Taiwan (2009), bronze no Judô, pelo atleta Alexandre Soares Fernandes. Neste mesmo ano, foi enviada a maior delegação de surdo-atletas, totalizando 13, além de seis dirigentes.

Já em âmbito nacional, um importante marco foi a realização da I Olimpíada de Surdos do Brasil, em maio de 2002, na cidade de Passo Fundo/RS. A competição contou com a participação de 29 delegações, oriundos de nove estados brasileiros, totalizando cerca de 1.500 atletas. Houve a realização de modalidades tanto

individuais, como coletivas, com execução do Hino Nacional em LIBRAS na abertura dos jogos, emocionando a plateia e os atletas presentes.

4 A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A apresentação dos resultados será dividida em dois subcapítulos, o primeiro trata de artigos em periódicos e em anais de congressos da área da Educação Física, enquanto que, no segundo momento, são apresentadas teses e dissertações produzidas a respeito do assunto abordado.

4.1 ARTIGOS

Na busca, localizaram-se oito artigos, em periódicos e/ou trabalhos completos publicados em anais de eventos científicos da área da Educação Física, que têm como objetivo o estudo a Surdez relacionada ao esporte e à Educação Física. Através da leitura dessas produções, algumas ideias e resultados são de suma importância para conseguirmos compreender, mesmo que de forma mínima, o universo dos surdos com relação às Ciências do Movimento Humano. Estas produções abordam temáticas do cotidiano desse público, observando fatores como: *bullying*, inclusão, ritmo, desenvolvimento motor e comunicação. A seguir, encontra-se a síntese das principais ideias dos estudos encontrados.

Em estudo realizado por Barbosa (2011), intitulado “*Bullying* e surdez escolar: o que pensam os atores envolvidos”, publicado nos Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte Porto Alegre, teve como objetivo investigar a opinião de professores e alunos a respeito da prática da Educação Física Escolar e sua relação com os Surdos. Esta é uma prática um tanto comum nos dias de hoje, visto que, nesse caso, há ainda uma diferenciação especial, a forma como eles se comunicam é através da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). É importante ressaltar que são alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos), mas quando questionados a respeito da palavra “*bullying*”, disseram não saber o sinal equivalente a ela.

Foram relatados vários acontecimentos e violências dentro do ambiente escolar, principalmente em relação ao grupo ouvinte, os quais, segundo os próprios surdos, ficavam fazendo provocações e instigando os colegas a também fazê-las. A Educação Física, por possuir um caráter competitivo e que lida com o corpo todo momento, acaba expondo os alunos e suas deficiências, gerando um ambiente propício para o *bullying*. Chaves (2006 apud BARBOSA, 2011) nos diz que cabe ao

profissional de Educação Física identificar esta prática nas aulas, para que assim possa propor ações que beneficiem a relação entre os alunos. Por vezes, a falta de saber lidar com isto, faz com que os alunos sintam-se vítimas e não tenham confiança no professor, não pedindo ajuda quando necessário. Segundo o autor, é importante que a Educação Física assuma um papel que descaracterize a discriminação, não só dos surdos, mas de toda a comunidade envolvida com esses casos, é necessário conscientizá-los, principalmente com ações que envolvam a família dos envolvidos e também a comunidade que a cerca.

Em estudo realizado por Pedrosa et al. (2013), intitulado “A experiência dos professores de Educação Física no processo de inclusão escolar do estudante surdo”, publicado na Revista Brasileira de Ciência & Movimento, teve como objetivo verificar se o professor de Educação Física Escolar estaria apto a trabalhar com a inclusão de surdos em suas aulas. Com o passar dos anos, o processo histórico educacional desenvolveu estigmas em relação a diversas culturas e épocas, nas quais várias pessoas sofreram com a segregação e a exclusão. Não há restrição para que o aluno surdo participe das aulas de Educação Física, contudo o professor deve ser capacitado, para que consiga estabelecer um processo de comunicação adequado, fundamental para o processo de ensino aprendizagem (WINNICK, 2004, apud PEDROSA ET AL., 2013).

Após a aplicação do questionário, foi verificado que a maioria dos professores não teve alguma disciplina acadêmica que remetesse a essa finalidade e, mais de 70% deles, disseram não estar preparados para trabalhar a inclusão escolar com surdos. Entretanto, há a oferta de cursos de especialização, porém a procura e interesse por parte dos professores é muito pequena, bem como a divulgação por parte dos órgãos competentes, mas apesar disso, eles reconhecem a necessidade de atualização para realizar um bom trabalho. Segundo Galat (2007, apud PEDROSA ET AL., 2013), é importante que o professor oriente e promova uma participação de todos durante a aula, através de planejamentos, intervenções e adaptações de atividades, de acordo com o desenrolar da aula. De acordo com Rodrigues (2006, apud PEDROSA ET AL., 2013), mesmo que o meio acadêmico contemple disciplinas relacionadas à deficiência, há a falta de as mesmas estarem relacionadas com práticas que facilitem a inclusão dos alunos.

É fundamental que, durante o processo de inclusão, haja a valorização de experiências e vivências desses alunos, de modo que eles contribuam efetivamente

da aula e, conseqüentemente, da sociedade como um todo. Então, é importante investigar as causas e motivos de os professores reconhecerem a necessidade de cursos aprofundados, mas não procurarem os que já estão disponíveis na rede de ensino de professores.

Com relação às aulas de Educação Física e suas atividades de vida diária, a capacidade de manter o equilíbrio postural é fundamental em tarefas básicas, porém os surdos possuem problemas vestibulares, o que afeta essa condição de manutenção. Em estudo realizado por Sousa et al. (2010), intitulado “Avaliação do controle postural e do equilíbrio em crianças com deficiência auditiva”, publicado na Revista da Educação Física/UEM, teve como objetivo principal a comparação de dois grupos, um de ouvintes (GC) e um de surdos (GE), para identificar o equilíbrio postural em relação à idade e ao gênero, dentre outros.

Chegou-se à conclusão de que não houve diferença significativa entre os gêneros, dentro do mesmo grupo, porém percebeu-se uma melhor performance do grupo ouvinte em relação ao não-ouvinte. As crianças avaliadas encontram-se na fase de desenvolvimento dos sistemas relacionados à estabilidade corporal, o que pode ter interferido no resultado. O exercício físico desenvolvido nessa idade (7-9 anos) seria fundamental para que as crianças adquirissem padrões motores, automatizando algumas habilidades, estimulando a estrutura neuromuscular, essencial no controle postural. Além disso, estimular a criança à prática de atividade física pode vir a aprimorar seu desenvolvimento motor, bem como melhorar sua qualidade de vida e atenuar as perdas causadas pelo envelhecimento. É necessário não só uma intervenção quando criança, na fase de seu desenvolvimento, mas também futuramente, exigindo um acompanhamento adequado e, que cada caso, seja tratado de modo único, de acordo com cada pessoa.

Em estudo realizado por Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002), intitulado “Itinerários da inclusão de pessoas com histórico de deficiência: um estudo sobre uma menina surda em aulas regulares de Educação Física”, publicado na Revista Movimento, teve como objetivo investigar o contexto da inclusão de uma menina no ensino regular de ensino, mais especificamente nas aulas de Educação Física, no que diz respeito à comunicação com seus colegas e professores.

No diagnóstico da turma, percebeu-se que havia sérias dificuldades em se estabelecer regras de convívio, principalmente devido aos momentos de agressividade e violência registrados. A desqualificação do trabalho pedagógico era

algo que vinha a atenuar esses problemas encontrados, já que havia problema em lidar com as diferenças. Foi registrada também a falta de condições apropriadas para a prática da Educação Física na escola, o que pode vir a tornar complicado um trabalho de cooperação, respeito e solidariedade em relação a situações recorrentes dessas aulas. Foi apresentada aos alunos a LIBRAS, com o intuito de demonstrar a elas que não havia somente um modo de linguagem (oral, nesse caso), gerando um ambiente propício para trabalhar com as diferenças. Já a comunicação feita com a garota se dava através da LIBRAS, apesar de ela mesma não ter gostado durante o início da investigação, pois isso não era recorrente no seu dia a dia. Não foram observadas atitudes preconceituosas por parte dos alunos, talvez pelo preconceito ainda estar sendo construído pelas crianças. Entretanto, quando algum colega desrespeitava as regras de alguma atividade, o interessante é que ela logo solicitava ao professor para retirar da atividade ou até mesmo do seu grupo, caso ali estivesse.

Ela demonstrou bastante afeto com os professores que aplicaram o estudo, principalmente devido ao fato de que ela percebia o interesse dos mesmos pela surdez e por a tratarem tão carinhosamente durante suas visitas. Como já era seu 5º ano, na antiga 1ª série, constata-se que a limitação de nós, educadores, ainda tem papel fundamental no desenvolvimento dessas crianças, principalmente em relação à comunicação, tão dificultada pelo não domínio da LIBRAS por parte dos professores.

Visto que a comunicação ainda é um problema na relação entre surdos e ouvintes, isso acaba se estendendo para a possibilidade de movimento do surdo, devido à falta de docentes preparados para encarar essa realidade e, em especial, o professor de Educação Física. Em estudo realizado por Barcelos; Porto; Geller (2010), intitulado “O ensino dos esportes para sujeitos com surdez”, publicado nos Anais do III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte, teve o objetivo de avaliar a influência das práticas esportivas sobre surdos.

É através do movimento que a criança acaba por se sentir livre, explore o mundo, tendo maior capacidade de conhecer seu próprio corpo. Dentro desse contexto, o esporte e as aulas de Educação Física aparecem como uma possibilidade excitante para as crianças, uma vez que a prática esportiva demanda que eles aprimorem seu repertório motor. É importante salientar que, durante as aulas deste estudo, houve o auxílio de uma intérprete, o que facilitou muito o

trabalho dos pesquisadores, na questão da comunicação com seus alunos, porém a partir da 5ª aula, não houve mais o auxílio da mesma. Durante a aplicação das aulas, foram modificadas regras, de modo a adaptar o jogo à realidade daquele grupo, facilitando a aprendizagem e os motivando a partir de tarefas bem-sucedidas.

Na escola em que essa intervenção foi realizada, não há a disciplina de Educação Física, porém todos os alunos que participaram da pesquisa, disseram querer que ela fosse implantada na sua escola. Além de colaborar com a formação educacional dos sujeitos surdos, esse trabalho pode vir a aumentar suas relações sociais, podendo adquirir autonomia de vida e independência, princípios fundamentais nos quais a educação está pautada.

Visto que o processo de ensino e comunicação com este público ainda é falho, foi realizada uma pesquisa por Venditti Júnior; Araújo (2008), intitulada “Trilhas ecológicas com orientação para pessoas surdas”, publicada na Revista Pensar a Prática, com o objetivo de desenvolver estratégias metodológicas para o trabalho com o público surdo, utilizando ambientes naturais como agentes facilitadores para seu desenvolvimento. A estruturação do trabalho levou em consideração a capacitação do professor para trabalhar de acordo com as necessidades do público alvo, principalmente devido ao ensino da LIBRAS para os mesmos. Os indivíduos participantes da pesquisa possuíam um bom repertório motor, o que facilitou a aprendizagem a respeito das tarefas exigidas neste ambiente das trilhas ecológicas. A constante comunicação entre eles (surdos e ouvintes) nos faz perceber que essas práticas facilitam a inclusão dos surdos na sociedade. Os gestos motores aprendidos durante o processo, também foram realizados de modo a facilitar a vida desses indivíduos, em suas atividades diárias. Houve benefícios no que diz respeito a sua aceitação, adaptação e comportamentos em situações de relacionamento humano. Vale ressaltar a comunicação corporal desses alunos, os quais possuem uma expressividade ímpar, uma expressividade de corpo inteiro, que pode vir a ser potencializada no ambiente escolar.

A dança pode ser um desses agentes potencializadores, se constituindo em instrumento de autoconhecimento para os surdos, da sua corporeidade e da linguagem expressada através de seus movimentos. Através dela, é possível compreender valores sociais e culturais da comunidade onde estamos inseridos, bem como ideias, emoções e conflitos das pessoas com as quais nos relacionamos. Pensando nisso, foi realizada uma intervenção com o objetivo de proporcionar uma

reflexão a respeito da dança para os surdos, sobre o conhecimento dos mesmos e da sua corporeidade, por Alves; Santos; Carvalho (2010), intitulada “A importância da dança para o reconhecimento dos surdos sobre a sua corporeidade: um relato de experiência”, publicada nos Anais do IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte. Com essa prática, os surdos podem vir a conhecer seus limites, possibilidades, perceber semelhanças, diferenças, bem como valorizar cada uma dessas manifestações. Muitos acreditam que os surdos não podem dançar, visto que não podem ouvir, mas ignoram a possibilidade de que eles sintam a música, ouçam com seu corpo e, assim, possam se movimentar, se expressar. Por eles se sentirem retraídos, às vezes até excluídos, também é uma forma de diminuir sua timidez, fazer com que se interessem com determinado grupo social, promovendo sua inclusão.

Em trabalho semelhante, realizado com uma proposta de ensino de sapateado para crianças surdas pela autora Lopes; Araújo (2009), intitulado “Proposta de ensino de sapateado para crianças surdas”, publicado na Revista Brasileira de Ciência e Movimento, objetivou-se tornar possível seu aprendizado através de estratégias que ampliassem o desenvolvimento rítmico e motor dessas crianças. Com a prática da dança, é possível que torne o corpo delas em uma linguagem de comunicação, onde os surdos possam sair do seu isolamento e melhor expressar suas emoções. É necessário o trabalho com grupos pequenos para que o professor consiga dar a devida atenção a cada uma das crianças, principalmente devido ao ritmo e batida dos pés. O processo de ensino pode variar de acordo com os alunos, sua faixa etária, experiências motoras e grau de interesse pela atividade. Entretanto, o ensino do sapateado é totalmente viável, desde que trabalhado por profissionais capacitados na modalidade da dança e que conheçam a LIBRAS. As crianças participantes do estudo apresentaram melhora no equilíbrio, desenvolvimento rítmico, psicossocial, afetivo e social, demonstrando a importância de um trabalho adequado para determinado público alvo.

Através destas publicações, podemos perceber o quão diversa é a área da Educação Física e como ela se relaciona de modos diferentes com o tema da Surdez. Grande parte deles se detém especialmente na questão da comunicação e o quanto isso é dificultado devido ao fato de o professor não dominar a LIBRAS, resultando em uma troca de informações prejudicada, fazendo com que o *feedback* não tenha o mesmo efeito. O modo como o Surdo se expressa também tem papel

central nas discussões abordadas pelos artigos, principalmente devido ao fato de ele se expressar também com o rosto enquanto se comunica, demonstrando sentimentos, desgostos, alegrias, além de poder utilizar o seu corpo para isso, algo que pode ser bem trabalhado nas aulas de Educação Física, já que a mesma possui a Cultura Corporal de Movimento como um de seus pilares de sustentação.

4.2 TESES E DISSERTAÇÕES

Através da pesquisa, foram encontradas cinco teses e/ou dissertações da área da Educação Física, que possuem como foco do estudo a Surdez relacionada aos diversos aspectos da Educação Física e suas facetas. Todavia, uma dessas teses, encontrada no LUME, não foi utilizada, pois se percebeu que ela tratava do indivíduo surdo relacionado também a outra variável, a Síndrome de Down, diferenciando-a do restante das dissertações. As outras quatro pesquisas apresentadas neste capítulo foram encontradas no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Unicamp, em São Paulo, o que pode ser atribuído ao fato da Universidade possuir um programa específico para tratar da Educação Física associada aos deficientes. Por meio da leitura destas, elencaram-se aspectos considerados fundamentais para a compreensão do universo surdo, relacionando-o com as Ciências do Movimento Humano. A seguir, encontra-se a síntese das principais ideias das investigações encontradas.

Em estudo intitulado “Brincar: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo”, realizado por Rossi (2000), procurou-se descrever e discutir as maneiras pelas quais as mães ouvintes e as filhas surdas constroem a dinâmica do brincar. O estudo se estendeu por um período de 17 meses, com a realização de filmagens que abrangiam situações de brincadeira entre duas mães e duas filhas, com brinquedos selecionados, de acordo com o aspecto lúdico e a motivação visual. Durante o processo de filmagens mensais destas sessões, de cerca de 30 minutos, havia orientação do Programa de Orientação à Família de Crianças Surdas, mostrando às mães as possibilidades comunicativas com as filhas, enfatizando um contexto significativo para a mesma, fazendo com que ela se sinta parte integrante do diálogo. Semanalmente, as mães tiveram aulas de LIBRAS com um surdo fluente, de modo a facilitar o diálogo com a criança e estimulá-la no dia a dia.

As análises e resultados desta pesquisa foram subdivididas em cinco tópicos para uma melhor discussão: escolha do brinquedo; organização do brinquedo; motivação; compreensão da brincadeira; e comunicação. Em relação à escolha do brinquedo, não houve nenhum preferido entre as crianças, mas pode-se perceber grande iniciativa por parte das mães, na escolha do brinquedo, seguido, geralmente, pela aceitação da criança. Quanto à organização, também se percebe que, na maioria das vezes, a mãe era quem se dispunha primeiramente nas atividades, apesar de as crianças não negarem ajuda quando lhes era solicitado. Quando nos referimos à motivação, nota-se que as crianças gostavam tanto dos brinquedos, quanto de brincar com eles, comemorando acertos e ganhos, relacionando os brinquedos, não se restringindo ao brinquedo escolhido pela mãe, mas buscando novas alternativas, explorando suas brincadeiras. É importante salientar que, quando as mães propunham novas regras e condições de jogo, caso solicitações das crianças não fossem ouvidas, elas normalmente rejeitavam o brinquedo, como se fosse uma forma de protesto. Em relação à compreensão, as crianças do estudo não apresentaram dificuldades, visto que tinham reação negativa quando a mãe marcava o primeiro ponto ou mudava alguma regra no decorrer das brincadeiras. É fundamental que haja um diálogo adequado entre mãe e filha, visto que a compreensão da criança torna-se um fator preponderante para que a criança consiga executar as atividades corretamente, respeitando suas regras. Quanto à comunicação, mãe e filha possuíram comunicação interativa total, com a mãe utilizando sinais e a fala, enquanto a filha usava os sinais.

Uma coisa importante a ser observada, é a questão do desenvolvimento individual de cada criança, pois cada mãe, cada pai, conhece o seu filho e sabe de suas potencialidades, contudo não devem extrapolar, devem fazer com que a criança sinta-se acolhida e desafiada a melhorar cada vez mais. Levando em consideração a dificuldade da construção de uma interação significativa entre o ouvinte e a criança surda, durante a pesquisa pode-se observar que o “brincar” permite e facilita essa comunicação, permitindo que a mãe conheça melhor as capacidades de seu filho, orientando-o com mais segurança durante as atividades propostas. O aspecto motor melhorou muito nas crianças, assim como seu crescimento cognitivo e, como era fundamental que as crianças adquirissem um repertório motor diversificado, cada uma desenvolveu-se no seu tempo, respeitando

o ritmo individual de crescimento de cada uma, sem a utilização de modelos prévios (ROSSI, 2000).

Em estudo intitulado “Proposta de ensino básico da esgrima para adolescentes surdos”, realizado por Nazareth (2001), procurou-se estabelecer uma metodologia de ensino da esgrima direcionada à pessoa surda. Foi uma pesquisa de cunho qualitativo, no qual foram ministradas aulas sobre os fundamentos básicos da esgrima de espada, para sete alunos surdos (entre 12 e 18 anos), durante um período de oito meses. As aulas eram realizadas uma vez por semana, com duração de 60 minutos, totalizando 29 aulas ao final da pesquisa. Para a coleta de dados, foram realizadas observações dos alunos, através de filmagens, fotos e relatórios, assim seriam analisadas as evoluções dos mesmos, de modo a modificar a metodologia convencional para obter melhores resultados, caso fosse necessário. Devido ao fato de os participantes da pesquisa faltarem frequentemente às sessões, foram feitas diversas adequações ao planejamento inicial, para que o desenvolvimento das aulas e a coleta de dados não fossem influenciados negativamente.

Comprovou-se que o surdo possui plenas condições de praticar a esgrima normalmente, possuindo desenvolvimento semelhante aos jovens da mesma idade, portanto não foram necessárias adaptações da metodologia tradicional, somente na adaptação da arbitragem em relação ao seu posicionamento e condução da luta. Entretanto, deve ser salientado que o período de ensino dos fundamentos foi mais demorado em comparação a alunos ouvintes, principalmente devido ao *déficit* de comunicação durante o processo de ensino dos alunos.

A principal dificuldade foi encontrada quando foi necessária a discussão a respeito da parte tática, visto que a esgrima é um esporte complexo, é necessária uma troca de conhecimentos e experiências que se torna complicada a medida que a comunicação não se dá de forma adequada. Durante as aulas, foi percebidos problemas também na alfabetização desses alunos, comprovada pela dificuldade em ler o que o professor escrevia no quadro, ou até mesmo na ocasião em que eles próprios deveriam escrever e percebiam-se limitações. Ao analisar o desempenho motor dos participantes, notou-se um bom domínio das capacidades de equilíbrio, noção espacial e ritmo, principalmente devido às estratégias de compensação utilizadas pela pessoa surda.

O aspecto mais evidenciado durante a pesquisa foi a convivência dos integrantes, na qual a esgrima e o ambiente proporcionado foram capazes de fortalecer as relações de amizade do grupo. Algumas particularidades do esporte vieram, ainda, a auxiliar na compreensão dos participantes, como por exemplo, a utilização do sistema de campainhas e lâmpadas quando há um toque executado pelo adversário, ou ainda na utilização dos gestos por parte do árbitro, facilitando a compreensão do esgrimista durante a luta (NAZARETH, 2001).

Em estudo intitulado “Avaliação de um programa de atividades rítmicas adaptada à pessoas surdas para variação dos parâmetros de velocidade no ritmo”, realizado por Luiz (2001), procurou-se estimular a percepção do surdo frente aos diferentes parâmetros de velocidade do ritmo, lento e rápido, através de uma estrutura indexical (contextual). É caracterizada como uma pesquisa experimental, na qual foram analisados os progressos de sete alunos surdos (entre 11 e 15 anos), sem deficiência associada, em relação aos aspectos rítmicos de movimentos corporais. Foi utilizada uma intervenção de um programa de atividade motora adaptada, visando a aquisição do senso rítmico através da utilização de dicas visuais. O Teste do Padrão Rítmico foi realizado nas dependências onde os alunos têm suas aulas regularmente e os mesmos tiveram a oportunidade de se familiarizar com o teste, realizando uma tentativa antes da execução final, levada em consideração para o teste. Foi aplicado um questionário para os alunos e, posteriormente, participaram do programa de aquisição do senso rítmico, no qual ocorreu a observação e análise de 10 itens, pré e pós-teste.

A partir da obtenção dos resultados, foi realizado um teste "t" de Student para amostras dependentes, sendo possível observar a existência de diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,01$) nas habilidades realizadas. Procurou-se alcançar os objetivos da pesquisa através da dança, em relação à noção rítmica do surdo, sendo importante salientar que, em nenhum momento, o estudo se dispôs a melhorar as capacidades dos indivíduos surdos. Ao longo dos seis meses de estudo, pôde-se observar que a dança faz com que o surdo estabeleça relações e interações com o meio, internalizando e externando sonoridades através do movimento, compreendendo melhor o ritmo e suas velocidades.

Por meio da utilização de estruturas de coelhos e tartarugas, ferramentas para a distinção do ritmo utilizado, foi possível uma veloz assimilação dos alunos em relação aos ritmos rápidos e lentos, sendo possível que eles criassem jogos em que

conseguiram explorar isso durante as aulas, demonstrando o conhecimento do conteúdo e tornando o ambiente mais motivador para a prática. A aquisição dos conceitos e estruturas ensinados através do Programa se deu de maneira diferente e em tempos diferentes para cada um, bem como a relação entre os mesmos foi se estabelecendo com o passar do tempo, respeitando suas particularidades.

É possível concluir que é viável a aquisição de parâmetros rítmicos de velocidade pelo surdo, contudo não foi possível estabelecer ao surdo a mesma autonomia de uma pessoa ouvinte frente ao ritmo externo, visto que por vezes era necessário auxiliá-los na identificação dos pulsos do ritmo, dependendo assim, da pessoa ouvinte. A pesquisa sugere que o Programa de Atividade Rítmica Adaptado foi efetivo em relação à variação do parâmetro velocidade do ritmo, em pessoas surdas, exercendo uma melhora nos sujeitos da pesquisa e, ainda, sugere um aprofundamento maior nessa questão, analisando uma amostra maior dessa população (LUIZ, 2001).

Em estudo intitulado “Os efeitos da utilização de dicas visuais no processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras de aprendizes surdos”, realizado por Pasetto (2004), investigou-se os efeitos de diferentes dicas visuais na aprendizagem do nado *craw* para alunos surdos. Participaram desse experimento 22 alunos, de ambos os sexos, com idade entre nove e 17 anos, pertencentes às escolas especiais de Campinas. O grupo foi dividido em dois: Grupo 1 e Grupo 2, sendo que a pesquisa foi realizada em três fases: pré-teste, fases de aprendizagem (consistia em 8 aulas) e pós-teste. Para a aprendizagem do G1 (n=12) foram utilizadas “dicas através de modelo” (dicas visuais no modelo simulado), enquanto que, para o G2 (n=10), foram utilizadas “dicas através de modelo e figura” (dicas visuais no modelo simulado e figuras ilustrativas do nado *craw*). Para facilitar a comunicação durante as aulas, a experimentadora realizou um curso de língua de sinais, ministrado pela diretora pedagógica da escola “A” e, além disso, no decorrer das atividades, a experimentadora contou com o auxílio de professoras de sala que ajudavam na comunicação, através da linguagem de sinais.

A avaliação do padrão do nado *craw* foi realizada por meio de um “instrumento de avaliação do nado *craw*”, aplicado durante o percurso a ser nadado pelos sujeitos, que era de oito metros, procurando evitar que o efeito da fadiga interferisse no resultado e análise finais. A coleta de dados foi obtida através de filmagem, nas quais foram analisadas três variáveis dependentes: padrão do nado

craw; distância percorrida e; quantidade de paradas durante o percurso. Foram realizadas comparações intra-grupos relacionadas às três medidas individuais, do pré ao pós-teste, utilizando o teste de Wilcoxon, já com relação às comparações inter-grupos, ou seja, entre os grupos G1 e G2, do pré ao pós-teste, foi utilizado o teste U Mann-Whitney.

Com relação ao padrão do nado *craw*, foi possível perceber que a utilização de dicas visuais no processo ensino-aprendizagem foi eficaz, devido a ambos os grupos terem melhorado seus resultados na comparação do pré com o pós-teste ($p < 0,05$). É importante resaltar a não-linearidade da aprendizagem de aspectos específicos da prática, já que nem todos os componentes são aprendidos da mesma forma, ao mesmo tempo e em velocidades semelhantes, muito devido à particularidade de cada ação. Além disso, como o nado *craw* é um movimento complexo, as diversas variáveis que compõem o movimento, interferem na outra, como a posição da cabeça e a respiração, por exemplo.

Nos resultados intergrupos foi possível perceber diferenças significativas entre os indivíduos ($p < 0,05$), em relação a estas duas variáveis, sendo que o grupo que apresentou melhores resultados utilizou-se de dicas no modelo e na figura. Levando em consideração a distância nadada, os resultados mostraram que apenas o G1 obteve diferença significativa em relação ao pré e pós-teste, demonstrando que os alunos aumentaram a distância nadada com a prática. Na variável do número de paradas, observou-se que não houve diferenças significativas entre os dois grupos do pré para o pós-teste, entretanto, houve diferença significativa entre os grupos, na qual o G2, tanto no pré, quanto no pós-teste, apresentou um menor número de paradas.

Em relação ao estudo, em alguns momentos foi possível observar que o contato físico pôde ser utilizado para auxiliar na compreensão da tarefa a ser executada e, por isso, pesquisas que investiguem os efeitos de dicas visuais associadas e não associadas a dicas cinestésicas, poderiam ser realizados, de modo a aprofundar este conhecimento específico (PASETTO, 2004).

5 TEMÁTICAS RECORRENTES NOS ESTUDOS ENCONTRADOS

Neste capítulo, são apresentadas as análises dos resultados encontrados, sendo realizada uma divisão em dois subcapítulos. O primeiro tratou a respeito do ritmo e da dança como potenciais métodos para a melhoria da comunicação e aprendizagem do aluno surdo; no outro subcapítulo, foi realizado um diagnóstico sobre as formas de comunicação utilizadas pela pessoa surda, tanto no ambiente escolar, quanto fora dele.

5.1 RITMO E DANÇA

Por meio da leitura e análise dos trabalhos encontrados, foi possível perceber que a temática do ritmo associado à dança é uma das manifestações mais recorrentes. Isso demonstra que o fato de os surdos não serem capazes de ouvir, não significa que os mesmos não são capazes de “sentir” a música e suas vibrações, além de compreender o ritmo através de outras ferramentas, não somente com a utilização da música.

Gaio e Góis (2005, apud ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010) dizem que a dança pode expressar uma ideia de forma não verbal “com o objetivo de atingir a sociedade como um grito de liberdade”, seja individualmente, ou coletivamente. Segundo Fux (apud LOPES; ARAÚJO, 2009) os surdos, ainda que isolados do mundo sonoro, têm suficiente capacidade para integrar-se ao movimento e dança. De acordo com o autor, por meio da integração dos mesmos às classes de ouvintes, estes se sentem invadidos pelo ritmo coletivo, aprendendo a reconhecê-lo e expressá-lo através da dança, transformando a dança em linguagem de comunicação que o permita sair de seu isolamento. Podemos perceber que a dança é um possível meio de comunicação com o mundo externo, no qual o surdo é capaz de se expressar e, mais do que isso, se reconhecer como indivíduo pertencente à sociedade, talvez não de modo igualitário em relação aos ouvintes, mas com as mesmas condições e possibilidades de expor seus sentimentos. De acordo com Ossona (1988, apud ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010), os movimentos da dança ordenados em tempo e espaço, se tornam, durante a dança, uma válvula de escape, de uma vida cheia de conflitos. Por vezes, isto acaba se tornando uma

forma de expressar seus desejos, pesares, respeito e temores (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010).

Segundo Brikman (1989, apud ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010) o movimento corporal se configura como linguagem, uma maneira de manifestar-se que pode ser resgatado em detalhes através da expressão corporal, desenvolvendo assim as potencialidades. O que acontece é que muitas pessoas não acreditam que os surdos podem dançar justamente por pensarem que a música pode ser apenas ouvida, e ignoram a ideia de que ela pode ser sentida. Na maioria dos casos, isto ocorre devido à falta de informação da população a respeito do indivíduo surdo, principalmente a questão da compensação dos sentidos, evidenciada nesse caso, já que os surdos possuem o sentido de tato muito aguçado e acabam sentindo a música através do vibrato, seja nos objetos ao seu redor, nas paredes ou até mesmo na própria roupa. Isso faz com que eles conheçam o ritmo da música mesmo sem ouvir nada, ou melhor, eles ouvem com o seu corpo não apenas com os ouvidos (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010). Dalcroze apud Bertoni (apud LOPES; ARAÚJO, 2009) ainda parte da ideia de que a criança traz em si a pulsação natural do coração; na respiração, a divisão de tempo e; nos movimentos, o ritmo. É fundamental que o surdo identifique o próprio ritmo dentro das mais diversas atividades e movimentos do dia a dia, o que viria a facilitar a aprendizagem da dança, além do entendimento do mesmo a respeito de suas particularidades como ser humano.

Na Tese escrita por Luiz (2001), ficou claro, que o surdo possui, como todas as pessoas, um ritmo que lhe é próprio, e que a utilização das estruturas utilizadas (coelhos e tartarugas) no estudo contribuiu também na compreensão deste ritmo próprio que para muitos era imperceptível. Esta questão se torna importante, pois a aquisição do senso rítmico traz benefícios também em termos da aquisição de padrões de movimentos mais coordenados; no estabelecimento do equilíbrio e desenvoltura na expressão corporal. Isto é confirmado por Lopes; Araújo (2009), no qual se constatou que as crianças apresentaram melhora no equilíbrio, desenvolvimento psicomotor, rítmico, afetivo e social após ter sido aplicada a sequência de aulas de sapateado. O ritmo, marcado pelas suas várias formas, ao som ou não da música, seria o ponto de partida para que a atividade corporal desenvolvida no espaço e no tempo determinado e configurado pelo ritmo transformasse na expressão dança os movimentos comuns do ser humano (LUIZ,

2001). Cabe ressaltar a importância de um padrão de ritmo próprio, o que facilita as ações do cotidiano, pois caso a pessoa surda não consiga reconhecê-lo em seu corpo, provavelmente ela fará isso por imitação, o que pode causar ações descontextualizadas.

A dança, para os surdos, se torna muito importante, pois constituísse em um instrumento que torna possível o auto-reconhecimento da sua corporeidade através do desenvolvimento: da linguagem quando os faz se expressar através de movimentos, característica de extrema importância para eles; do entendimento sobre diversidade entendendo assim que todos possuem necessidades diferentes; da cognição se tornando um ser pensante em todos os aspectos da vida; e da sua criatividade se tornando mais livres no seu processo de criação (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010). O universo dos surdos, segundo Moores (1996, apud LUIZ, 2001), é genericamente limitado em função da quantidade de experiências diversificadas que o surdo deixa de adquirir ao longo de sua vida, em função desta limitação, alguns aspectos corporais são comprometidos, e o surdo tem dificuldade em relaxar, canalizar a energia contida, conter a ansiedade. Através destas experiências rítmicas, o surdo é capaz de perceber suas possibilidades e potencialidades, não só em relação a sua expressividade, na utilização do corpo como linguagem, mas também a oportunidade de desfrutar de uma atividade integradora, firmando amizades e estabelecendo convívio com os demais. Orff (1974, apud LUIZ, 2001), confirma a preocupação com o isolamento deste público, utilizando a música para colocá-las em comunicação com o ambiente e tirá-las do seu mundo fechado e incompreendido de ser.

Na dança moderna, por ser considerada uma modalidade livre, o professor não impõe ao aluno sequências externas prontas, mas torna-se guia e os orienta para uma descoberta pessoal de suas possibilidades (BERGE, 1988, p.29 apud LUIZ, 2001). Devido a essa liberdade, cada aluno motiva-se a buscar dentro de si próprio a fonte inspiradora de sua movimentação, na qual essa fonte inspiradora pode imergir das mais variadas sensações, que só serão possíveis caso o indivíduo se permita a tê-las ou tenha a oportunidade de vivenciá-las. Entretanto, para Bregolato (2000, apud LUIZ, 2001), os alunos que estiverem muito condicionados e oprimidos vão resistir a ela, e preferir a apatia e o conformismo em apenas copiar os modelos estabelecidos. Portanto, é imprescindível uma preocupação especial com o desenvolvimento dessas atividades, o processo de ensino-aprendizagem que está

sendo desenvolvida a dança e suas ramificações. Segundo Brikman (1989, apud LUIZ, 2001), é mais valioso o próprio processo de desenvolvimento que o eventual resultado que se obtenha, ou seja, todo o processo de aquisição, no qual o indivíduo passa por dificuldades, conflitos e temores, se torna parte fundamental e constituinte deste indivíduo, no qual suas experiências tornam-se mais ricas do que o próprio conhecimento, por si só.

Segundo Alves; Santos; Carvalho (2010), a dança pode proporcionar aos surdos um entendimento maior da sua diferença, e melhor, que a aceitem, entendendo que apesar de serem surdos eles podem realizar atividade que se acreditava apenas possível para os que ouvem. Contudo, essa dita “diferença” também pode ser percebida quando relacionamos a pessoa surda a outro grupo social, nesse caso, em situação oposta. Muitas vezes, a sociedade trata o surdo como indivíduo incapaz de realizar a maioria das atividades diárias sem algum tipo de ajuda, o designando como dependente, inferior. Luiz (2001), apontou uma situação na qual o surdo incorporou o papel do ouvinte, observando indivíduos que possuíam paralisia cerebral participarem de suas aulas, os estigmatizando como inferiores. Entretanto, com o convívio, percebeu-se uma mudança de atitude do grupo frente esses colegas, no qual, por vezes, os alunos com paralisia cerebral lembravam-se de movimentos mais rapidamente do que os surdos. Por viverem constantemente situações deselegantes como esta, é difícil pensar que eles poderiam reproduzir esse sentimento de inferiorização em relação a outro grupo social, provavelmente devido ao fato da mera reprodução de estereótipos da sociedade atual.

O processo de aprendizagem através da dança, pelos surdos, está ligado justamente à aceitação da sua condição, obtendo assim o conhecimento de seus limites e possibilidades (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010), bem como o entendimento das potencialidades de outros indivíduos, que eles mesmos consideram como incapazes. Foi confirmado, segundo Lopes; Araújo (2009), que o sapateado é uma das formas viáveis e pode ser incentivado para a criança surda, assim como a dança e seus padrões rítmicos (LUIZ, 2001; ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010) desde que seja trabalhado por profissionais que conheçam esta modalidade de dança e que possuam conhecimento básico da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS).

5.2 COMUNICAÇÃO ENTRE A PESSOA SURDA E O PROFESSOR/COLEGA

Através da leitura dos trabalhos encontrados foi possível perceber que o tema da comunicação, para a pessoa surda, é um fator indispensável a ser observado quando falamos em aprendizagem na escola e, até mesmo, fora dela. Este subcapítulo apresentará a análise deste tema, envolvendo não só o aluno e o professor, mas também o aluno com seu colega, seja ele ouvinte, ou não. É fundamental este entendimento, pois o surdo possui grandes dificuldades de se comunicar com os ouvintes, principalmente devido ao *déficit* na oralização.

O maior problema que o surdo já enfrentou foi, e continua sendo, a comunicação com a sociedade. A maioria dos surdos faz parte de uma cultura separada, porque a comunicação com as pessoas ouvintes é normalmente difícil; a comunicação normal (do ponto de vista dos surdos) é fácil quando eles estão juntos (LUIZ, 2001). Em relação às crianças, em estudo de Rossi (2000), foi possível perceber que as trocas comunicativas seriam ideais caso ocorressem sempre dentro de um contexto significativo para a criança, do qual ela se sinta parte integrante e possa intercambiar os papéis de locutor e de interlocutor, nesse acaso, através da brincadeira entre mãe e filho. Isto nos demonstra a importância de uma comunicação adequada desde cedo, na qual a criança passa a expressar suas vontades e desejos em ambientes propícios a ela, onde a criança não se sinta intimidada, mas sim, relaxada. De acordo com Pasetto (2004), é preciso tomar cuidado também com a “atenção dividida”, já que a criança surda não consegue perceber o que o pai ou a mãe está falando e, ao mesmo tempo, visualizar o objeto do qual estão se referindo, é necessária uma explicação pausada e, falando sobre uma coisa de cada vez. Conforme Luiz (2001), a criança surda começa a se comunicar por sinais antes que uma criança ouvinte consiga começar a falar. Além disso, a criança ouvinte também começa a se comunicar através de gestos antes de começar a falar, talvez não em LIBRAS, por não ser necessário, mas apontando para objetos, para comidas ou bebidas que deseja, além de utilizar de expressões faciais, por vezes não de modo voluntário, mas facilitando a comunicação com seu responsável. Em relação à comunicação fora do ambiente familiar, Rossi (2000) afirma que os pais possuem papel importante, visto que assumem as consequências da surdez e utilizam com seu filho surdo, todo tipo de recurso comunicativo, favorecendo sua "autonomia pessoal".

Como nos diz Venditti Júnior; Araújo (2008), a aprendizagem da LIBRAS, por parte dos professores, permite a capacitação para lidar, comunicar e trabalhar com este público. De acordo com Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002), o contato entre criança e professor, por meio de LIBRAS, acontecia quase que exclusivamente com o professor, de forma que, provavelmente, ela acabava por identificar essa linguagem como particular e circunscrita a esta relação, não tendo se reconhecido ainda como parte integrante da comunidade surda. Isso nos remete a questão de a criança estar permeada por um mundo desconhecido, onde ela precisa se ambientar e se adequar, visto que o contrário dificilmente ocorre, principalmente na escola.

No ambiente escolar, normalmente não são proporcionadas condições efetivas de comunicação, já que grande parte dos professores não possui formação adequada para isso, o que é confirmado por Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002). De acordo com Barcelos; Porto; Geller (2010), muitos profissionais da Educação Física ainda possuem receio e insegurança, devido à falta de preparação, o que estabeleceria um processo de comunicação e de trabalho apropriado com os surdos. Em investigação de Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002), ainda podemos constatar que a oralização da pessoa surda era muitas vezes incompreensível, e quando percebia que sua mensagem não fora entendida, demonstrava nervosismo e ansiedade, prejudicando a comunicação entre ambos.

De acordo com Rodrigues (2006, apud PEDROSA ET AL., 2013), a não compreensão por parte do professor das necessidades do aluno surdo pode prejudicá-lo em seu desenvolvimento, dificultando o bom desenvolvimento do aluno. Isto também pode ser observado em estudo realizado por Nazareth (2001), no qual o tempo empreendido para ensinar os fundamentos técnicos da esgrima a alunos surdos foi maior em relação ao que normalmente é utilizado com alunos ouvintes, o que pode ocorrer devido ao fato da dificuldade de comunicação entre o professor e o aluno. Contudo, a aprendizagem dos fundamentos técnicos foi dificultada por causa da comunicação falha, pois seriam coisas que não fariam sentido para o indivíduo, não haveria formas de explicação a não ser de modo oral, ou escrito, o que viria a problematizar a aplicação prática do conteúdo a ser aprendido. Nesse sentido, Pasetto (2004) nos traz a possibilidade da utilização da dica cinestésica, a qual auxiliaria na explicação de alguns movimentos e percepções do corpo por parte do indivíduo, não fazendo com que a tarefa se torne tão abstrata.

Aqui, é necessário abrir um parêntese para tratar de outro fator que influencia diretamente no bom desenvolvimento global do aluno e está totalmente relacionado com a questão da comunicação: a prática do *bullying*. Oliveira e Votre (2006, apud BARBOSA, 2011) relatam que casos de *bullying* são mais evidentes nas aulas de Educação Física devido aos atos de agressividade e competitividade que a disciplina pode vir a proporcionar. É importante que o profissional de Educação Física tenha capacidade para distinguir e diagnosticar estas práticas no âmbito da escola, bem como proporcionar estratégias para que novos casos não surjam. Entretanto, caso isto não ocorra, o aluno pode sentir-se vítima destas ações e não sentir confiança no professor, fazendo com que ele não peça ajuda quando necessita (BARBOSA, 2011).

O caminho inverso pode ser percebido quando, em investigação realizada por Luiz (2001), indivíduos com paralisia cerebral participaram concomitantemente da pesquisa e, os alunos surdos, os viam como incapazes de tomar decisões e decidir frente ao grupo, ocorrendo uma das manifestações do *bullying*, privando o indivíduo de participar de algum grupo social, estabelecendo um estereótipo de inferioridade, algo que diminuiu com o decorrer da pesquisa.

Com estas situações, podemos prever que o estereótipo em vigor atualmente, considera um ou outro, frágil, incapaz, incompleto em algum sentido, seja ele por alguma deficiência ou outros problemas que permeiam o ambiente social. É necessário que o professor seja capaz de incluir o aluno na aula de um modo que não o faça parecer inferior, diminuindo o nível do exercício por causa do mesmo, mas sim fazendo com que a pessoa surda contribua positiva e ativamente da construção do processo de ensino aprendizagem. Assim e, só assim, seus colegas serão capazes de perceber o real valor da inclusão, estabelecendo diferentes e adequadas formas de diálogo.

Quanto às diferentes formas de linguagem, Venditti Júnior; Araújo (2008) nos afirma que a lógica dos sinais (LIBRAS), como forma de comunicação, além de muito eficiente, torna o trabalho muito próximo, fazendo com que ocorra uma troca de aprendizado facilitada. Entretanto, na investigação realizada por Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002), Alice (menina surda, foco do estudo de caso) parecia reconhecer sua condição de pessoa surda, porém rejeitava um elemento fundamental do contexto cultural dos surdos, a linguagem de sinais. Isto pode ter acontecido devido ao fato de a criança não estar acostumada a esse tipo de diálogo no ambiente

escolar, causando certo estranhamento e, até desconforto para a garota. Remetendo a Nazareth (2001), foi utilizada a abordagem de ensino que, prioritariamente, seguiu a abordagem de ensino da oralização, entretanto foram utilizados outros recursos, como modelos representativos, figuras e sinalizações não padronizadas, por exemplo.

Em trabalho realizado por Venditti Júnior; Araújo (2008) demonstrou-se a preocupação com as formas de comunicação e transmissão das informações, na qual a informação deve ser transmitida corretamente, assimilada e compreendida, para que seja possível a tomada de eventuais providências e ações motoras tanto rápidas, quanto eficazes. Além disso, entre os próprios alunos, eles já não seguem apenas um sistema único de comunicação gestual, mas um *mélange*, ou seja, uma mistura de técnicas com alguns componentes da língua dos sinais (NAZARETH, 2001), demonstrando não haver uma forma de comunicação única e global, mas sim um apanhado de várias técnicas que podem ser bem sucedidas, ou não.

Quando falamos em educação do aluno surdo, precisamos considerar todas as formas como são transmitidas as informações pertinentes, para que assim não haja falta de compreensão da tarefa (PASETTO, 2004). Corroborando a esta questão, em estudo realizado por Barcelos; Porto; Geller (2010), comprovou-se que 90% do grupo entrevistado acredita na facilitação da comunicação através da aprendizagem da LIBRAS por parte do professor, ressaltando também a importância da utilização de vários outros estímulos de comunicação visual (MARCHESI, 1995, apud BARCELOS; PORTO; GELLER 2010), auxiliando no processo de ensino do aluno.

Deve-se deslocar a atenção do surdo para elementos chaves da tarefa, através de dicas e informações curtas, sucintas e objetivas, administradas uma de cada vez, o que não irá sobrecarregar o indivíduo de conhecimento e atividades a serem realizadas (PASETTO, 2004). Podemos perceber este fato em qualquer âmbito da Educação Física e, diria até, do conhecimento em geral, já que em primeiro lugar é necessária uma introdução sobre o assunto a ser abordado para depois, os itens serem tratados minuciosamente, até ser atingido o objetivo final.

Gonçalves; Vaz; Fernandes (2002) realizou uma investigação onde o conteúdo LIBRAS foi apresentado durante a aula, aos alunos, com o propósito de que os mesmos conhecessem outras possibilidades de comunicação, não somente a linguagem oral. Nesse sentido, de acordo Venditti Júnior; Araújo (2008), em

questões de expressão corporal, influenciados pela expressividade apurada, os surdos têm muito para nos ensinar e, também, para ensinar aos colegas. É fundamental ressaltarmos a importância do conhecimento trazido pelo aluno para dentro da sala de aula, o que pode promover diversos novos caminhos de discussão. No caso, os surdos poderiam contribuir positivamente na aquisição e aprimoramento da expressividade dos alunos ouvintes, demonstrando, dando dicas, aumentando a qualidade e a quantidade de comunicação com seus colegas, independente da estratégia utilizada para este fim.

A dança, por exemplo, constitui-se em um meio de trabalho, uma estratégia de comunicação que utiliza da linguagem corporal, a qual pode promover a reflexão crítica, favorecendo a socialização e a construção de um indivíduo autônomo (ALVES; SANTOS; CARVALHO, 2010). De acordo com Luiz (2001), o desenvolvimento dessa linguagem corporal permitirá a manifestação da personalidade do surdo e também de um conhecimento mais completo sobre si mesmo, permeando tanto a comunicação inter, quanto intrapessoal. Percebe-se a grande importância da linguagem corporal para os surdos, pois durante o seu desenvolvimento, essa linguagem é utilizada fortemente como meio de comunicação, fazendo com que sua corporeidade seja reconhecida e lapidada. A dança pode ser utilizada como agente transformador em prol da melhoria da linguagem na comunicação, permitindo que o aluno saia de seu isolamento (LOPES; ARAÚJO, 2009).

Segundo Alves; Santos; Carvalho (2010), é muito comum que estes sujeitos acabem se retraindo, se afastando dos demais colegas e formando círculos de amizade com indivíduos em situação parecida com a sua, além da própria família. Este acontecimento acaba por diminuir a convivência com diferentes “tipos de pessoas” e as possibilidades de trocas de informações que isso poderia vir a ocasionar. Essa troca de conhecimento é indispensável para facilitar o aprendizado do aluno surdo e dos demais colegas. Caso contrário, o aluno começa a não participar das aulas de Educação Física, as quais poderiam proporcionar situações de convívio social, sempre mediadas pelo professor que, em tese, possui competência para fazê-lo de um modo adequado e participativo. Em contrapartida, a investigação realizada por Venditti Júnior; Araújo (2008) nos sugere que a diminuição no número de alunos, proporcionou uma maior aceitação e interação

coletiva, devido ao fato de que a comunicação passou a ser mais valorizada e o círculo de relações, mais harmonizado.

Percebe-se que, quanto mais o professor consegue dar o auxílio necessário, mais rapidamente o aluno consegue evoluir e, esse fator pode ter sido o principal mediador da aceitação coletiva. Já a questão da interação coletiva acabou se tornando mais fácil devido a menor diversidade de pessoas no grupo, ocasionando poucos pontos de vista diferentes, menos discussões, mais conhecimento um do outro, de seus objetivos e metas, enfim.

É necessário observar que a comunicação influencia diretamente nas relações entre o surdo e as pessoas que estão inseridas em seu contexto diário. Percebe-se que uma comunicação adequada desde muito cedo, pode fazer com que a criança se sinta preparada e confiante para estabelecer relações, formar seu círculo de amizades e evoluir progressivamente em diversos aspectos. Além disso, é fundamental que o professor tenha condições de dialogar com este aluno, caso contrário seu desenvolvimento pode ser afetado negativamente. É normal que o surdo tenha dúvidas durante a explicação das atividades, principalmente porque os professores não dominam a LIBRAS, a linguagem mais utilizada e compreendida por este público. Apesar disto, outros recursos podem ser utilizados, como imagens, figuras e demonstrações dos exercícios a serem realizados, bem como o auxílio cinestésico pode ser executado para facilitar o *feedback* para a pessoa surda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura e análise dos artigos, publicações em anais de congressos, teses e dissertações, foi possível estabelecer uma conexão entre o surdo e a área da Educação Física. Esta conexão precisa ser entendida como uma forma de diálogo entre eles, o que estabelece a necessidade de uma comunicação adequada e eficiente, que possa fazer com que essa relação seja mais estreita. Pela diversidade dos assuntos tratados nas publicações, podemos perceber a variedade de focos de análise possíveis, bem como alguns outros que não foram tratados especificamente.

Observando a diversidade dos assuntos abordados, poderíamos pensar que estes se aprofundariam em determinados pontos, mas não é o que acontece. Grande parte dos trabalhos encontrados aborda superficialmente uma questão fundamental para o trabalho com surdos, seus sentimentos e sensações, além das expectativas e objetivos a serem atingidos pelos mesmos. Com base nestas informações, poderiam ser estabelecidas múltiplas possibilidades de estudo, de acordo com o público alvo e, não só com a vontade ou necessidade do pesquisador.

Ao mesmo tempo, a comunicação entre o surdo e as pessoas com as quais ele se relaciona, ganha papel de destaque em quase todas as investigações encontradas, visto que a utilização de um intérprete se fez presente nas mesmas. A pessoa surda possui na LIBRAS uma forma de comunicação quase exclusiva, entretanto não rejeita outras, como foi observado em estudos. Todavia, elementos acabam não sendo tratados de forma adequada, como os componentes técnicos da dança, por exemplo, o que faz com que, apesar dos esforços, o surdo não tenha a mesma autonomia dos ouvintes frente algumas situações específicas, principalmente em relação ao ritmo que é externo a ele.

Entretanto, mesmo que vários assuntos tenham sido abordados, foi evidenciada uma carência de publicações, em português, na área da Educação Física sobre o surdo. Percebe-se que todos os trabalhos analisados foram publicados a partir dos anos 2000, sugerindo que a preocupação com este público alvo é recente. A necessidade de novos estudos se torna importante à medida que a diversidade aparece como tema recorrente na sociedade atual, na qual o surdo ocupa seu espaço com muita luta e perseverança.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. O conceito de hegemonia: de Gramsci a Laclau e Mouffe. **Lua Nova**, São Paulo, n. 80, p.71-96, 2010.

ALVES, Keila Pereira; SANTOS, Luiz Fernando; CARVALHO, Sebastião. A importância da dança para o reconhecimento dos surdos sobre a sua corporeidade: um relato de experiência. In: IV CONGRESSO CENTRO-OESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4 ; CONGRESSO DISTRITAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 1. Brasília, **Anais...** Brasília, DF: CBCE, set. 2010. 10 p.

BARBOSA, Marily Oliveira. Bullying e surdez nas aulas de Educação Física escolar: o que pensam os atores envolvidos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17. ; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre: CBCE, set. 2011. 14 p.

BARCELOS, Rafael Almeida; PORTO, André Porto; GELLER, César Alcides. O ensino dos esportes para sujeitos com surdez. In: CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3. Niterói, **Anais...** Niterói: CBCE, set. 2010. 8 p.

BISOL, Cláudia; SPERB, Tania Mara. Discursos sobre a surdez: deficiência, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 26, n. 1, p.7-13, mar. 2010.

CONSELHO FEDERAL DE FONOAUDIOLOGIA. **Audiometria tonal, logaudiometria e medidas de imitância acústica**: orientações dos conselhos de fonoaudiologia para o laudo audiológico. Brasília: Conselho Federal de Fonoaudiologia, 24 p., 2009.

DE PAULA, Liana Salmeron Botelho. Cultura escolar, cultura surda e construção de identidades na escola. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 15, n. 3, p.407-416, dez. 2009.

DE SÁ, Kleber Brum; PEREIRA, Carmen Eni dos Santos. Deficiência auditiva. In: CAMARGO NETTO, Francisco; GONZALES, Jane da Silva (Orgs.). **Desporto adaptado a portadores de deficiência**: Voleibol. UFRGS: Porto Alegre, p. 1-6, 1996.

DINIZ, Debora. Autonomia reprodutiva: um estudo de caso sobre a surdez. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p.175-181, fev. 2003.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: **Enciclopédia Britânica do Brasil Publicações Ltda.**, v. 10, 1987.

GESUELI, Zilda Maria. Língua(gem) e identidade: a surdez em questão. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 94, p.277-292, abr. 2006.

GONÇALVES, Gisele Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez; FERNANDES, Luciano Lazzaris. Itinerários da inclusão de pessoas com histórico de deficiência: um estudo sobre uma menina surda em aulas regulares de Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 8, n. 3, p.63-71, dez. 2002.

KLEIN, Madalena; LUNARDI, Márcia Lise. Surdez: um território de fronteiras. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p.14-23, jun. 2006. Mensal.

LOPES, Keila Ferrari; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Proposta de ensino de sapateado para crianças surdas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Campinas, v. 17, n. 1, p.1-22, 30 maio 2009.

LUIZ, Teumaris Regina Buono. **Avaliação de um programa de atividades rítmicas adaptada à pessoas surdas para variação dos parâmetros de velocidade no ritmo**. 2002. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Atividade Física, Adaptação e Saúde, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. In: **Fundamentos de metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NAZARETH, Valber Lazaro. **Proposta de ensino básico da esgrima para adolescentes surdos**. 2001. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Departamento de Área de Atividade Física Adaptação e Saúde, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

NICOLOSI, Lucille et al. **Vocabulário dos distúrbios da comunicação: fala, linguagem e audição**. Artes Médicas, 1996.

NÓBREGA, Juliana Donato et al. Identidade surda e intervenções em saúde na perspectiva de uma comunidade usuária de língua de sinais. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.671-679, 2012.

PARSONS, A. WINCKLER, C. Esporte e a pessoa com deficiência – Contexto Histórico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. **Esporte paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, p. 1-14, 2012.

PASETTO, Silmara Cristina. **Os efeitos da utilização de dicas visuais no processo ensino-aprendizagem de habilidades motoras de aprendizes surdos**. 2004. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

PEDROSA, Valéria dos S. et al. A experiência dos professores de Educação Física no processo de inclusão escolar do estudante surdo. **Revista Brasileira de Ciências do Movimento**, Brasília, v. 21, n. 2, p.106-115, 2013.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ROSSI, Tereza Ribeiro de Freitas. **Brincar: uma opção para a interação entre mãe ouvinte/filho surdo.** 2000. 167 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

SOUSA, Aneliza Maria Monteiro de et al. Avaliação do controle postural e do equilíbrio em crianças com deficiência auditiva. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p.47-57, 2010.

VENDITTI JUNIOR, Rubens; ARAÚJO, Paulo Ferreira de. Trilhas ecológicas com orientação para pessoas surdas. **Revista Pensar a Prática**, Campinas, v. 11, n. 3, p.269-280, dez. 2008.